

Conhecimentos nos plurais

Margarida Maria Knobbe – UFRN

ALMEIDA, Maria da Conceição de; PEREIRA, Wani Fernandes. *Lagoa do Piató: fragmentos de uma história*. 2. ed., rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN, 2006. 160 p.

Desde meados do século 20 discute-se mais abertamente a ética da ciência. O tema, necessário e inadiável, no mais das vezes se refere aos avanços e produtos da física e da biologia. E isso é insuficiente. Como diz Edgar Morin (2005, p. 174), no sexto volume de *O método*, “as exortações éticas proclamadas isoladamente, são tão inúteis quanto as lições de moral; a regeneração ética só pode acontecer num complexo de transformação e de regeneração humanas, sociais e históricas”. Portanto, para que haja essa regeneração, é imprescindível o exercício da auto-ética, também e especialmente, no âmbito das ciências ditas humanas. E é nessa direção que caminha o livro *Lagoa do Piató: fragmentos de uma história*, de Maria da Conceição de Almeida e Wani Fernandes Pereira.

Fruto de uma pesquisa sobre o aproveitamento da potencialidade pesqueira da Lagoa do Piató, em Assu, Rio Grande do Norte, empreendida pelas autoras há doze anos, a obra não só percorre as fontes técnicas, históricas e os registros formais dos quais se valem os estudos científicos. Muito para além disso, dá voz aos habitantes do lugar, praticando uma democracia cognitiva incomum na ciência acostumada às fraturas entre sujeito e objeto, cultura científica e cultura das humanidades, ciência e consciência, prosa e verso, e tantas outras. Um encontro muito bem-sucedido entre ciência e saberes da tradição.

As autoras assumem deliberadamente como postura epistemológica a troca de saberes e o intercâmbio de informações: “fizemos da pesquisa de campo na Lagoa do Piató um exercício para repen-

sar a ciência de forma menos totalitária e narcisista”. Portanto, em *Lagoa do Piató* o leitor encontrará os fragmentos da história do lugar, de sua formação, da vida social e econômica, do sistema educacional, da ecologia e também a história na memória dos pescadores, os seus sentimentos, as suas alegrias e as suas dores, a sabedoria de Chico Lucas, as histórias de Seu Luizinho, Dona Santa, Seu Gregório, Dona Terezinha, Chico Leite... finalizando com um álbum de retratos.

Um conjunto de saberes sobre previsão do tempo, desenvolvido às margens do conhecimento escolar e da ciência, dos irmãos Chico Lucas e José Lucas da Silva se revela mais especificamente no artigo *Uma ciência perto da natureza* (p. 107), em co-autoria com Maria da Conceição de Almeida. Prova de um diálogo profícuo entre os intelectuais da tradição e os cientistas, capaz de construir conhecimentos nos plurais tecidos pela possibilidade de troca. Uma pequena imagem holográfica de como poderia ser toda a nossa ciência: mais humana, menos arrogante.

O que o livro não diz – embora deixe de certa forma transparecer no capítulo *Outros fragmentos* (p. 98), que contém textos de diversos pesquisadores ligados ao Grecom – é que a pesquisa realizada junto com a população da Lagoa do Piató tornou-se como uma estrela-guia de muitos outros estudos. Ela não foi, ela ainda está sendo. Os laços entre a comunidade de pescadores e a universidade se mantêm vivos, desde então, no Grupo de Estudos da Complexidade – Grecom/UFRN, o primeiro grupo de estudos das

ciências da complexidade na América Latina, coordenado por Maria da Conceição de Almeida.

Em resumo, *Lagoa do Piató: fragmentos de uma história* relata uma possibilidade da regeneração ética pela democracia cognitiva, não só com o diálogo entre os diversos ramos das ciências, mas também entre cientistas e não-cientistas, especialmente as populações pesquisadas. Nas palavras de Conceição Almeida:

Não somos nós, nem são eles, mais ou menos sábios. Sabemos coisas diferentes sobre vidas diferentes. Se soubéssemos tudo, não precisaríamos fazer pesquisa. Se soubessem tudo, tivessem informações sobre tudo, eles, certamente não seriam os mesmos que são hoje. [...] Se soubessem mais, eles cobriam a socialização do conhecimento produzido a partir deles e que só serve ao debate científico dos tribunais epistemológicos – e nunca retorna para eles em forma de ganhos em conhecimento. [...] É difícil? Não. É gratificante, produtivo e apaixonante. Para a ciência e para as pessoas. Para além do ‘nós’ e ‘eles’, para um único nós (p. 100-101).

REFERÊNCIA

MORIN, Edgar. *O método*. Porto Alegre: Sulina, 2005. v. 6.